

TEXTOS LITERÁRIOS : UMA PROPOSTA DE LEITURA E REDAÇÃO EM SALA DE AULA

Flávia Cereser, Luciane Nascimento, Marilene Lima da Silva e Noemi Ester L. da Rocha ©

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas propostas de leitura e redação, em sala de aula, a partir do texto literário, objeto de análise para a construção de textos dissertativos. Trabalhando com alunos do Ensino Médio, clientela alvo do projeto, procurar-se-á propor um método alternativo de produção textual, a fim de auxiliar o aluno a desenvolver sua capacidade de expressão e posicionamento.

PALAVRAS - CHAVE: leitura, redação, textos literários

INTRODUÇÃO

Através do projeto PROLICEN "Textos literários: uma proposta de leitura e redação em sala de aula" procurar-se-á desenvolver uma prática mais eficaz no processo de ensino - aprendizagem da produção textual na escola, a fim de que o aluno possa aprimorar sua capacidade de expressão. Assim, para o desenvolvimento dessa prática, buscaremos trabalhar com a análise de textos literários, com os quais pretendemos incentivar os alunos na produção de seu próprio texto, ou seja, o aluno será estimulado a fazer sua redação a partir da exploração de temas de textos literários. Dessa forma, segundo Serafini (1992)

Os textos literários podem ser utilizados para a escrita criativa tanto como material sobre o qual realizar variações, quanto como ponto de referência para escrever um texto totalmente independente. Em ambos os casos, os textos literários podem servir ou como estímulo para temas de redação ou como modelos estilísticos, formais ou estruturais.

Nessa perspectiva, antes de propor ao aluno que ele faça sua redação a partir de um texto literário, é preciso que tenhamos consciência que escrever é um método a ser aperfeiçoado gradativamente. Por isso, num primeiro momento, utilizaremos de recursos teóricos para que o aluno tenha competência de aplicá-los em sua produção textual, ou seja, serão trabalhadas as formas de estruturação do parágrafo, técnicas e planejamentos que envolvem a produção de um texto padrão. Nesse sentido, propomos como referência para o estudo do parágrafo, o livro **Comunicação em Prosa Moderna** de Bastos (1999), no qual o autor trata do conceito de parágrafo e de sua constituição. Segundo o autor, o parágrafo é uma unidade de composição, a microestrutura de uma totalidade, o texto. Constitui-se num grupo de frases que, relacionadas umas às outras e tomadas em seu conjunto, formam um todo com coerência, unidade e consistência, qualidades básicas de um bom parágrafo. Além disso, o autor ressalta que um parágrafo padrão é constituído por: tópico frasal ou período tópico (idéia - núcleo), desenvolvimento da idéia - núcleo, conclusão (clímax) e por elementos de transição (conexão de idéias internas e externas). Em último momento, salienta que, para a construção do parágrafo, é necessário que se faça a delimitação do tema e a determinação do objetivo.

DESENVOLVIMENTO

Trabalhada a estruturação do parágrafo, sugerimos o estudo do texto **Um Apólogo** de Machado de Assis para que, a

partir do tema explorado, o aluno produza sua dissertação. Após escolhido o texto literário e caracterizado autor e época, propomos algumas questões acerca do conto, com a finalidade de que o aluno possa depreender o tema do texto:

UM APÓLOGO

Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

– Por que você está com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

– Deixe-me senhora.

– Que a deixe? Que a deixe, por quê? Por que lhe digo que está com ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

– Que cabeça? A senhora não é alfinete é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

– Mas você é orgulhosa.

– Decerto que sou.

– Mas por quê?

– É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose senão eu?

– Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

– Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

– Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

– Também os batedores vão adiante do imperador.

– Você é imperador?

– Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

– Então, senhora linha, ainda teima, no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e altiva, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela

dama, e puxava a um lado e outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

– Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: – Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: – Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

QUESTÃO 1

Nos apólogos e fábulas, como em todo processo metafórico, estabelece-se uma relação entre dois planos de significado: o significado de base ou usual e o significado acrescentado ou figurado.

a) Qual é o significado usual de agulha e linha?

b) Cite algumas pistas do diálogo inicial que nos obrigam a conceber a agulha e a linha como seres humanos.

c) Assim como há pistas que nos levam a conceber a linha e a agulha como seres humanos, há também outras que nos levam a concebê-las no seu sentido próprio.

É esse argumento de dois planos de sentido que confere ao texto o seu caráter metafórico e nos faz classificá-lo como um apólogo ou fábula. Transcreva algumas

passagens em que agulha e linha ocorrem no seu sentido próprio.

QUESTÃO 2

No texto, agulha e a linha são tratadas como seres humanos, mas conservam também a dimensão de significado próprio de agulha e linha. Se, em vez de agulha e linha, o narrador usasse dois personagens humanos, o texto não teria a mesma expressividade.

Qual é então a expressividade que se obtém usando agulha e linha em sentido metafórico?

QUESTÃO 3

No último parágrafo, ocorre a seguinte passagem: “Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária.”

a) que traços comuns existem entre a agulha e o professor de melancolia?

b) nessa mesma citação, a linha é uma metáfora que remete a que tipo de pessoa?

QUESTÃO 4

Qual a relação que se estabelece entre os batedores e o imperador, a agulha e a linha, a costureira e a baronesa e os galgos e Diana?

Após analisado o texto, retirado o tema, cuja delimitação proposta foi a exploração do trabalho infantil, mostraremos abaixo um exemplo de parágrafo padrão que pode ser apresentado pelo professor, devendo o aluno reconhecer nele o tópico frasal, o desenvolvimento e a conclusão.

O trabalho infantil constitui-se em uma exploração, pois não há benefício algum na entrada de crianças e adolescentes no mercado de trabalho. Segundo Maria Isabel da Silva, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, a sociedade precisa mudar a

cultura de que o trabalho é formativo para as crianças. A infância submetida a esse ambiente repressivo traz como consequência falhas no desenvolvimento emocional e até mesmo cognitivo. Para ela, a criança não deve ser tratada como adulto, pois suas necessidades são díspares e as reações ante ao seu ambiente também são distintas. Portanto, é um erro acreditar que o trabalho é edificante para as crianças.

Além da proposta acima, sugerimos outras que podem ser trabalhadas a partir de textos literários:

- Apresentação da delimitação do tema, sem o parágrafo padrão, para que o aluno construa o seu parágrafo;
- Apresentação do tema, sem a delimitação, para que o aluno delimite o seu próprio tema e, a partir disso, desenvolva o seu parágrafo padrão;
- Em outro momento, o aluno deverá dar continuidade a sua dissertação, acrescentando outros parágrafos.

CONCLUSÃO

O fato de o trabalho estar em fase inicial e ainda não ter sido aplicado nas escolas nos impede de apresentar os resultados do projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado. **Contos**. 18. ed. São Paulo, Ática, 1994, p. 89.
- BARBOSA, Severino Antônio. **Redação: Escrever é Desvendar o Mundo**. 9. ed. São Paulo: Papyrus, 1994.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna: aprender a escrever, aprendendo a pensar**. 17. ed. reimp. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- HERDADE, Márcio Mendes. **Novo Manual de Redação**. São Paulo: Pontes, 2000.
- KOCH, Ingedore. **Argumentação e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

PLATÃO SAVIOLI, Francisco e FIORIN, José Luiz. **Para Entender o Texto – Leitura e Redação**. 11. ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Lições de Texto: Leitura e Redação**. 4. ed. São Paulo, 1999.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como Escrever Textos**. 5. ed. São Paulo: Globo, 1992.

NOTA

© Trabalho orientado pela professora Dr. Ceres Helena Ziegler Bevilaqua e desenvolvido pelas alunas Flávia Cereser, Luciane Nascimento, Marilene Lima da Silva e Noemi Ester L. da Rocha, participantes do Projeto de Pesquisa *Textos Literários: uma proposta de leitura e redação em sala de aula* (PROLICEN 2004).